

AS CAPINAS DE UM CAFEZAL ⁽¹⁾

Prof. Carlos T. Mendes

Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"

A todo aquêles que se prende à cultura do cafeeiro, afligem, no mínimo, dois fenômenos que se agravam cada vez mais: a escassez e conseqüente encarecimento do braço operário e os efeitos desastrosos da erosão, êstes, tanto mais quanto mais avançamos pelas terras silicosas do arenito, onde se estadeia sob forma devastadora. Preso à fazenda de café por interêsse ou fascinação, o verdadeiro fazendeiro, não se conformando com o recuo constante da produção que observa, procura descobrir meios e artifícios para sanar ou pelo menos atenuar, os efeitos daqueles dois males.

O "trato anual" é o pivô da questão. Imaginá-lo realizado por máquinas, encontra desde logo a repulsa por vários motivos que se justificam fâcilmente: a máquina capinadora não deve ser empregada porque dilacera o sistema radicular superficial do cafeeiro, prejudicando-o evidentemente; na grande generalidade dos casos, em conseqüência da topografia de nossas terras, o trabalho mecanizado, principalmente o produzido por "cultivadores", facilita enormemente a erosão; economizando o braço, desmobiliza a fazenda para os dias de colheita. A máquina que resolvesse a questão do trabalhador sem agravar as duas outras, seria uma solução para as fazendas das proximidades das cidades, já que o operário para as colheitas poderia ser atraído por pagamento adequado, como se faz com a colheita do algodão, ou por modificações a introduzir no sistema de exploração da terra, mas não resolvendo,

(1) Em todos os trabalhos de campo fui auxiliado pelo agrônomo Eduardo Mezacapa.

como até hoje não resolve, torna-se o seu emprêgo de efeitos contraproducentes.

Dêsse conjunto de circunstâncias nasceu a idéia, que não é nova, de se substituírem as capinas pela ceifa manual ou mecânica. Com a primeira obter-se-ia sensível economia de braço na proporção de 1 para 2,5, senão mais, comparando-se o trabalho da enxada com o do alfange, segundo determinações que fizemos. Com uma ceifadeira mecânica de corte frontal, como não seria difícil de fabricar (porque também já é cousa muito velha) essa economia seria enormemente aumentada.

De outro lado, se compararmos dois terrenos cobertos de vegetação espontânea, mesmo bastante inclinados, um tratado a enxada e outro somente a alfange, chegamos à conclusão que a erosão é totalmente eliminada neste segundo caso, o que não ocorre no primeiro. São, portanto, duas vantagens indiscutíveis bradando a favor do emprêgo da ceifa em lugar da capina comum.

Como sempre, surge porém o reverso da medalha, desta vez muito pouco sedutor, segundo nos revelaram três anos de experiências: a evidente ação nociva da vegetação espontânea sobre os cafeeiros quando **cortada** pelo alfange e não **capinada** pela enxada.

Tomando um talhão de nosso cafezal no qual tudo nos induzia a acreditar na sua quase perfeita uniformidade, dividi-mo-lo em três parcelas iguais, de 100 "pés" cada uma (10 pés de comprimento por 10 de largura, aproximadamente 300 indivíduos), e assim ordenamos nossas experiências:

1.º Ano — 1935-36 — O tratamento recebido durante êsse primeiro ano constou de:

N.º 1 — Duas capinas, além da de "esparramação de cisco" e de "coroamento", realmente 4 capinas;

N.o 2 — Duas ceifas a alfange nas mesmas épocas das capinas precedentes, além das capinas de “esparramação” e de “coroamento”;

N.o 3 — Uma única capina além dos trabalhos de “esparramação” e “coroamento”.

No fim dêsse primeiro ano de experiências e antes da colheita, as observações possíveis de serem anotadas, assim se resumiam:

- 1) — Entre o de N.o 1 (capinado tantas vezes quantas o resto do cafezal — 4 vezes) e o de N.o 2 (ceifado a alfange duas vezes, além das já mencionadas capinas de “esparramação” e de “coroamento”) não pudemos verificar, neste primeiro ano, diferença alguma, nem na vegetação nem no que quer que fôsse;
- 2) — Entre êsses dois lotes e o de N.o 3 (que havia sido capinado uma única vez) notava-se diferença muito sensível em desfavor dêste último: apresentava-se evidentemente amarelado, com sua vegetação prejudicada pelo mato.

Após a colheita (que se realizou em Junho), nas vésperas da “esparramação do cisco” (Agosto), em época de **sêca intensa**, as observações já falavam um pouco contra o tratamento pelo alfange, e muito contra o tratamento de uma só capina (que na realidade são três, como o atrás exposto).

2.o Ano — 1936-37 — O tratamento durante êste segundo ano de experiências constou para as mesmas parcelas de:

N.o 1 — Três capinas, além das de “esparramação” e de “coroamento”;

N.o 2 — Três ceifas a alfange, além daquelas duas operações;

N.o 3 — Uma única capina, além dos mesmos trabalhos.

Em Abril de 1937, realizado o "coroamento", o aspecto dos cafeeiros desses lotes era, tanto quanto a vista pode alcançar, o seguinte:

- N.o 1 — Aspecto bom, com boa carga;
- N.o 2 — Aspecto bom, com carga regular;
- N.o 3 — Aspecto mau, com amarelecimento das plantas; perda sensível de fôlhas, carga inferior às dos demais. A produção fica expressa no quadro que abaixo expomos.

3.º Ano — 1937-38 — O tratamento constou do seguinte:

- N.o 1 — Duas capinas além das de "esparamação" e de "coroamento";
- N.o 2 — Duas ceifas, além daqueles trabalhos;
- N.o 3 — Uma única capina, além das mesmas operações.

No momento do coroamento deste terceiro ano de experiências, assim se apresentavam essas parcelas, sob o ponto de vista de aspecto e produção:

- N.o 1 — Aspecto regular e ótima carga;
- N.o 2 — Cafeeiros visivelmente prejudicados, mas com ótima carga;
- N.o 3 — Cafeeiros completamente prejudicados, revelando a despeito de tudo, boa carga.

Os números que representam a produção destes últimos dois anos ficam expressos no quadro único deste trabalho.

Esta experiência interrompe-se aqui porque em relação ao terceiro lote, sua continuação acarretaria sua perda total, tal o definhamento revelado em tôdas as plantas; em relação ao de N.o 2 (ceifa de alfange), além da **decadência já pronunciada**, uma "chuva de pedras" em 3-2-939 inutilizaria quaisquer resultados como os de um 4.o Ano de observações.

PRODUÇÃO DE CAFÉ SEGUNDO O TRATAMENTO RECEBIDO PELO CAFEZAL

Tratamentos	2.º ano de tratamento						N.º propor- cionais		
	Café ceteja		Café em côco		Varrição em côco			Totais em côco	
	lts.	kgs.	lts.	kgs.	lts.	kgs.		lts.	kgs.
N.º 1 — Normalmente capinado	280	175	185	72,0	19	6,8	204	78,8	100
N.º 2 — Ceifado a alfange	244	130	153	60,5	17	6,3	170	66,8	84,7
N.º 3 — Mal capinado	188	108	115	46,0	15	5,5	130	51,5	65,3

Tratamentos	3.º ano de tratamento						N.º propor- cionais		
	Café ceteja		Café em côco		Varrição em côco			Totais em côco	
	lts.	kgs.	lts.	kgs.	lts.	kgs.		lts.	kgs.
N.º 1 — Normalmente capinado	588	304,5	355	141,4	40	13,5	395	155,0	100
N.º 2 — Ceifado a alfange	620	353,5	400	158,0	37	12,5	437	160,5	103,4
N.º 3 — Mal capinado	328	171,0	210	85,0	44	15,0	254	100,0	64,4

Média dos dois Anos

N.º propor- cionais	% e Perdas
100	
94,0	6,0
64,8	35,2

Os números desse quadro não representam tôda a realidade; muito mais significativas são as observações que acompanharam a experiência, as quais damos a seguir sob forma de conclusões.

CONCLUSÕES

1.a) — Dos três métodos empregados, o de ceifa com al-

fange e o de se dar ao cafezal uma única capina em pleno período chuvoso, ambos **evitam totalmente a erosão**;

2.a) — O tratamento com uma única capina (além dos trabalhos de “esparramação do cisco” e de “coroamento”), corresponde ao aniquilamento acentuado de um cafezal se assim for tratado durante vários anos consecutivos;

3.a) — Tão pequena diminuição de produção (e até num dos anos um pequeno aumento) em desfavor do emprêgo do alfange, não representa tanto como representava o aspecto definido das plantas sujeitas a tal tratamento. Depois de três anos de seu emprêgo, colhemos a impressão nítida de que o seu prosseguimento acarretaria maior definhamento das plantas desse lote;

4.a) — O solo da parcela tratada a alfange tornou-se enormemente mais duro, dificultando visivelmente a capina que deve preceder o coroamento;

5.a) — Quanto à infestação da “broca do café” (*Hypothenemus Hampei*) patenteava-se mais intensa onde havia mais mato;

6.a) — Há experiências, como esta, nas quais tão patentes apresentam-se certos fenômenos, que exoneram o observador das regras de “repetições” e com mais razão das de estatística.

A despeito de sermos contrários ao excesso de capinas em um cafezal, além de obsecados pela necessidade de combater a erosão, em vista do exposto, chegamos, para nós, a duas conclusões que devem encerrar estas pequenas notas:

1.a) — Um cafezal no clima paulista não pode subsistir quando tratado com menos de quatro capinas (nelas se incluindo a de “esparramação de cisco” e a de “coroamento”), talvez mesmo cinco nos casos de terras muito férteis ou anos de chuvas mais prolongadas, além de um cafezal mais bem tratado facilitar a “colonização”.

2.a) — A ceifa pelo alfange só deve ser empregada como recurso quase extremo, para desafogar nos momentos de maiores aperturas, mas não como prática capaz de contribuir fa-

voravelmente na economia da produção. Só deve ser aplicada nesses momentos, sem diminuir o número de capinas necessárias em cada caso ou, de outro modo, só apelar para êsse recurso quando o mato esteja se desenvolvendo exageradamente e as chuvas contínuas inutilizem o trabalho da enxada, facilitando ao mesmo tempo a erosão; passado êsse momento devemos voltar ao "trato" comum. Parece-nos mesmo que sem a devida fiscalização, tal prática nem deve ser ensinada ao colono, o qual para ela apelará, sob qualquer pretexto, para diminuir trabalhos.

Devemos lembrar, finalmente, que estas observações foram realizadas em cafezal de terra roxa, no clima de Piracicaba; podem ser diferentes os resultados em outras condições, às vezes tão diversas em outras zonas de nosso Estado.

Construções Rurais

4.^a Edição

Prof. Orlando Carneiro

Catedrático da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" de Piracicaba — Universidade de São Paulo

Materiais e Peças de Construção — Concreto Armado — Impermeabilizações — Revestimentos Asfálticos — Organização de Orçamentos — Habitações Rurais — Instalações Agrícolas — Instalações para Bovinos, Equinos, Suínos, Aves, Ovinos e Caprinos, Coelhos, Abelhas, Instalações Rústicas, etc. — Sirgaria — Tanques para Peixes — Construções diversas: Caixas de Água, Pontes e Boeiros, Mata Burros, Postes de Concreto Armado, Porteiras, Fornos para Carvão e para Cal, Drenagem, Açúdes, Saneamento, Fossas Sépticas, etc. Descrição e Desenhos detalhados.

UM LIVRO COMPLETO

Preço — Cr\$ 160,00

Pedidos — Alameda Itú, 1159 — São Paulo